

UMA COMPILAÇÃO DAS DIFERENTES CONCEPÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DE AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUA(GEM)

Elaine Ferreira do Vale Borges *

Resumo

Este artigo realiza uma compilação de discussões disponíveis na literatura sobre as diferentes concepções epistemológicas de aquisição e desenvolvimento da língua(gem) – empirismo, racionalismo e interacionismo. Dentro de cada concepção, são destacados as principais teorias linguísticas e princípios fundamentais que regem a compreensão do que se entende como estágio inicial do processo de aquisição na relação sintaxe-semântica-pragmática. Ao final, o paradigma contemporâneo da complexidade, que tende à junção das concepções enfatizadas aqui na compreensão do fenômeno da aquisição e desenvolvimento da língua(gem), é brevemente abordado.

* Universidade Estadual de Ponta Grossa

Palavras-chave: aquisição da linguagem; empirismo; racionalismo; interacionismo.

A aquisição da língua(gem) “não ocorre num vácuo” (HICKMANN, 1988, p. 9) e o processo que a envolve não diz respeito apenas à aquisição de um sistema de sinais, mas sim à aquisição e desenvolvimento de uma importante e complexa interrelação de aspectos linguísticos, cognitivos e sociais – igualmente difíceis e complexos de decifrar. O processo de aquisição da língua(gem) é, então, um contínuo que se articula essencialmente no desenvolvimento de

[...] quatro sistemas interdependentes: o **pragmático**, que se refere ao uso comunicativo da linguagem num contexto social; o **fonológico**, envolvendo a percepção e a produção de sons para formar palavras; o **semântico**, respeitando as palavras e seu significado; e o **gramatical**, compreendendo as regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras em frases compreensíveis. (SCHIRMER *et al*, 2004, p. 96; negritos meu)

Conforme Correa (1999, p. 339)

O estudo da aquisição da linguagem visa a explicar de que modo o ser humano parte de um estado [*estado inicial*] no qual não possui qualquer forma de expressão verbal e, naturalmente, ou seja, sem a necessidade de aprendizagem formal, incorpora a língua de sua comunidade nos primeiros anos de vida, adquirindo um modo de expressão e de interação social dela dependente. O material empírico de que o estudo dispõe são dados da produção, da percepção e da compreensão de enunciados linguísticos por crianças, obtidos em condições naturais ou experimentais.

Assim, de um modo geral, as teorias de aquisição da língua(gem) procuram explicitar e/ou desvendar o que acontece no desenvolvimento entre um estado (inicial) e outro da produção da fala – elucidando, e não sem controvérsias, “o processo pelo qual a aquisição da linguagem pode, portanto, ser concebida





como um modelo da dinâmica desse processo” (CORREA, 1999, p. 340). E como será mostrado a seguir, os estudos e as tentativas de compreensão de aspectos da natureza desse processo (uma preocupação secular¹) partem de concepções epistemológicas distintas.

De acordo com Del Ré (2006), as chamadas teorias *aquisicionistas* da língua(gem) fundamentam-se em pressupostos teórico-filosóficos empiristas, como o *behaviorismo skinneriano* e o *conexionismo*; ou racionalistas, como o *inatismo chomskyano* e estudos posteriores. Já o cognitivismo de linha interacionista – como o *construtivismo piagetiano* e o *sociointeracionismo vygotskyano* –, embora influencie as reflexões atuais sobre a aquisição da língua(gem), está fundamentado na discussão da relação linguagem-pensamento e não na aquisição da língua(gem) propriamente dita.

Por outro lado, Menyuk (1975, p. 343-4) enfatiza duas categorias bem amplas e simplificadas (generalização *versus* abstração) que subdivide as teorias de aquisição da língua(gem), a saber:

(a) [...] o organismo humano, da mesma forma ou de uma forma diferente da de outros organismos, tem capacidade para generalizar a partir dos estímulos, de entrada [...] as crianças adquirem a linguagem devido às condições de estímulo-resposta-recompensa [...].

(b) [...] o organismo humano tem capacidade para fazer abstrações a partir do sinal de entrada. [...] as crianças adquirem a língua porque elas são dotadas de mecanismos biológicos específicos que lhes permitem fazer conceitualizações [...].

A *concepção racionalista*, dentro dos estudos linguístico-gerativos da descrição da estrutura da(s) língua(s) como princípios universais (*inatismo*), se sobressai no final da década de 1950 como precursora de uma teorização que estimulou a evolução das pesquisas² na aquisição de língua materna.

Antes disso, na *concepção empirista*, acreditava-se que a língua(gem) era apenas um comportamento linguístico (*associacionismo* e *behaviorismo*), constituído por sons, palavras e sentenças e a aquisição se baseava num processo de compreensão e assimilação dessas estruturas (MENYUK, 1975).

Na *perspectiva interacionista*, as reflexões no campo de aquisição da língua(gem) se estruturaram principalmente devido a uma necessidade de confronto com as concepções comportamentalista e inatista. Atualmente essa linha cognitivo-social encontra-se em pleno desenvolvimento com vários fundamentos que a sustenta, como por exemplo: (1) as concepções sobre a relação entre pensamento e linguagem de Piaget e Vygotsky – advindas do campo da psicologia do desenvolvimento; (2) as discussões da pragmática e semântica – na área da linguística e da linguística aplicada; (3) os encaminhamentos sobre os atos de fala e atos comunicativos – inseridas nas reflexões filosóficas sobre a linguagem; (4) as ponderações etnográficas a respeito da comunicação humana – nos estudos de cunho linguístico-antropológico. Nesse contexto, a língua(gem) passa a ser entendida como *cognição* ou *comunicação/ ato social* que se manifesta na interação sujeito-meio, envolvendo a criança desde

¹ Chomsky (1997: 50) esclarece que “o estudo da linguagem é um dos ramos mais antigos de investigação sistemática, com marcos que rastreamos na antiguidade clássica da Índia e da Grécia [...]”.

² Veja os artigos de Correa (1999), Borges & Salomão (2003) e Eicher & Fagundes (2005) para um contexto histórico, atual e pormenorizado sobre os tipos de questionamentos e pesquisas realizados/as no Brasil e no exterior sobre a aquisição da língua(gem).



o seu nascimento e estimulando o surgimento das primeiras palavras.

Dito isso, pode-se perceber uma diferença clara de percepção do processo de aquisição da língua(gem) que se concebe a partir de visões epistemológicas igualmente distintas – já destacadas acima e reforçadas a seguir.

Primeiro, temos uma orientação de *cunho empirista* que entende a aquisição da língua(gem) como um produto dos estímulos do meio e que “tende a pressupor menos informação especificadamente linguística, ou seja, maior indeterminação quanto à forma das línguas a serem adquiridas no estado inicial do processo” [de aquisição do conhecimento] (CORREA, 1999, p. 340).

Segundo, uma visão de *cunho racionalista* que compreende a aquisição da língua(gem) é tida como o resultado de uma programação biológica e que

[...] parte do pressuposto de um estado inicial formulado em termos de uma Gramática Universal (GU) – correlato linguístico do tipo de programação biológica tida como necessária para que línguas apresentem as propriedades que as definem e sejam adquiridas num período de tempo relativamente curto. (CORREA, 1999, p. 340)

E terceiro, uma concepção de *cunho interacionista* que concebe a língua(gem) como *cognição* – resultado/ produto de uma construção progressiva; e, também, como *comunicação/ interação/ ato social* – que é dependente da qualidade dos insumos linguísticos envolvidos e “anterior ao surgimento das palavras” (BORGES & SALOMÃO, 2003, p. 327).

Essas diferentes visões epistemológicas de compreensão do fenômeno da aquisição da língua(gem) desencadeiam uma controvérsia que envolve as divergentes descrições e compreensões do *estágio inicial* ou *ponto de partida* do processo de aquisição – discutidos a seguir. As diferentes

correntes linguísticas de compreensão do fenômeno da língua(gem) também divergem em relação ao processo de aquisição da língua(gem), uma vez que pressupõem concepções epistemológicas igualmente diferentes.

De acordo com Cunha (2008b, p. 158), os *linguistas funcionalistas* – ao entenderem a língua(gem) como um conjunto (língua e fala) complexo de atividades comunicativas – tendem a explicar o processo de aquisição

[...] em termos do desenvolvimento das necessidades e habilidades comunicativas da criança na sociedade. A criança é dotada de uma capacidade cognitiva [inteligência humana] rica que torna possível a aprendizagem da linguagem, assim como outros tipos de aprendizagem. É com base nos dados linguísticos a que é exposta em situação de interação com os membros de sua comunidade de fala que a criança constrói a gramática da sua língua.

Os *linguistas gerativistas*, por outro lado, ainda conforme Cunha (2008a, p. 158), “explicam a aquisição da linguagem em termos de uma capacidade humana específica para a aprendizagem da língua”, compreendendo a língua como um conhecimento específico, autônomo em relação às atividades comunicativas – *domínio específico*. Assim, dentro do princípio da teoria modular (em que a mente é composta de módulos independentes, mas interrelacionados), o módulo responsável pela faculdade da língua(gem) subentende a sintaxe como autônoma em relação a outros aspectos da cognição humana (MARTELOTTA, 2008a).

Na visão dos *linguistas cognitivistas*, “a linguagem não constitui um componente autônomo da mente, ou seja, não é independente de outras faculdades mentais” (MARTELOTTA, 2008b, p. 179) – *domínio geral*. Embora, esses linguistas concordem – em certa medida, pois há algo também de aprendido e/ou





construído – com a possibilidade da visão segundo a qual os processos inatos da mente capacitam os falantes na produção das estruturas linguísticas da linguagem humana.

Para os *sociolinguistas* as experiências adquiridas por um falante são aquelas compartilhadas na comunidade de fala na qual ele está inserido socioculturalmente, resultando em “semelhanças entre o modo como se fala a língua e o modo dos outros indivíduos” (CEZARIO & VOTRE, 2008, p. 148).

Parte das divergências nas teorias linguísticas e investigações sobre a aquisição da língua(gem) em geral (em outras áreas de especialidade), conforme Correa (1999, p. 343, *negritos meu*), está relacionada à visão de

[...] quanto de informação relativa à forma das gramáticas das línguas humanas atribuir ao programa biológico que caracteriza o **estado inicial** do processo de aquisição, [a divergência] manifesta-se no modo como a relação entre desenvolvimento linguístico e cognitivo é abordado, no modo como a **relação sintaxe e semântica** no desenvolvimento linguístico é concebida, na formulação de hipóteses acerca das condições ambientais ou interpessoais tomadas como necessárias para a aquisição de uma língua e na natureza dos procedimentos de aquisição propostos.

Segundo Hickmann (1988, p. 9), as discussões que envolvem a aquisição da língua(gem) no que se refere às diferentes hipóteses produzidas sobre o desenvolvimento cognitivo e social das crianças mostram que

[...] a importância que é atribuída à interação social na teoria de Vygotsky, e seu papel relativamente secundário na teoria de Piaget, resulta em parte das diferentes formas que eles definem linguagem e interpretam o seu desenvolvimento. Geralmente, a discussão enfatiza as implicações de conceber a linguagem e seu desenvolvimento como intrinsecamente ligado a [Vygotsky], ou relativamente autônoma de [Piaget], seu contexto de uso sociointerativo.

Tudo depende, ainda de acordo com Hickmann, da forma como é concebida a interrelação, na vida da criança, entre *linguagem, pensamento e fatores sociais*, ou seja, diferentes teorias focam de maneira distinta a importância de cada termo destacado no processo de aquisição, ou seja; se, por um lado, temos os estudos sociolinguísticos que compartilham da visão vygotskyana, por outro lado, temos os estudos psicolinguísticos de base fundamentalmente piagetiana.

Uma das questões principais nas teorias de desenvolvimento da língua(gem) é também a relação entre *pensamento e ação* como fator importante de desenvolvimento cognitivo em estágios mais avançados. A esse respeito, Piaget e Vygotsky divergem: o primeiro entende que pensamento e ação continuam interagindo após o surgimento da língua(gem) (durante o estágio sensório-motor³); o segundo enfatiza que o surgimento da língua(gem) desencadeia uma descontinuidade nessa relação, conduzindo a criança para uma nova organização interna. Embora ambos concordem que o

³ O estágio *sensório-motor* em Piaget se refere à idade entre 0 a aproximadamente 18 ou 24 meses da criança (do nascimento até ao aparecimento da linguagem). É o primeiro de 4 estágios, se baseia na evolução da percepção e da motricidade, e se divide em seis períodos, a saber: (1) exercício reflexo – até o 1º mês de vida; (2) reações circulares primárias – até cerca de 4 meses; (3) coordenação de visão e apreensão e começo das reações circulares secundárias – até cerca de 8 meses; (4) coordenação dos esquemas secundários – até 11 meses; (5) diferenciação dos esquemas de ação por reação circular terciária e descoberta de meios novos – aproximadamente até os 18 meses; (6) início da interiorização dos esquemas e solução de alguns problemas após interrupção da ação e ocorrência de compreensão súbita – até mais ou menos 2 anos (cf. GOULART, 1987, p. 21-22).



desenvolvimento cognitivo antes do surgimento da língua(gem) é caracterizado por complexas organizações internas de significado-fim (com destaque para o uso de ferramentas em Vygotsky).

No entanto, no que se refere à compreensão dos processos cognitivos, principalmente durante o *estágio sensório-motor*, as pesquisas de Piaget e dos neopiagetianos, conforme Hickmann (1988), ganham maior destaque na literatura sobre a aquisição da língua(gem), exatamente pelos progressos alcançados nesse estágio específico que sempre foi muito destacado na teoria piagetiana. Vygotsky, por sua vez, acaba dando maior ênfase a estágios mais avançados do desenvolvimento da língua(gem) (e a linguagem, propriamente dita) relacionando-os diretamente com as interações sociais.

Dik (1978 *apud* FIGUEROA, 1994) – considerando o *gerativismo* e o

funcionalismo como grandes paradigmas dentro da linguística – sustenta que a divisão entre o pensamento de cunho formalista (língua como um fenômeno mental) e o de cunho funcionalista (linguagem como um fenômeno social) pode ser enfatizada, além de outros fatores, pela importância que cada escola manifesta na relação *sintaxe-semântica-pragmática* – como enfatizado também em Correa (1999). Nesse sentido, entende-se que a relação pontuada sugere o *ponto de partida* ou *estado inicial* que cada concepção linguística/ paradigma acredita ocorrer no processo de aquisição e desenvolvimento da língua(gem). Assim, o *paradigma formal* parte da relação (de um primeiro tipo) *sintaxe-semântica-pragmática*, enquanto que o *paradigma funcional* parte da relação (de um segundo tipo) *pragmática-semântica-sintaxe*. Dik (*op. cit.*, p. 23) coloca as seguintes considerações a respeito dos dois paradigmas – cf. **Quadro 1**:

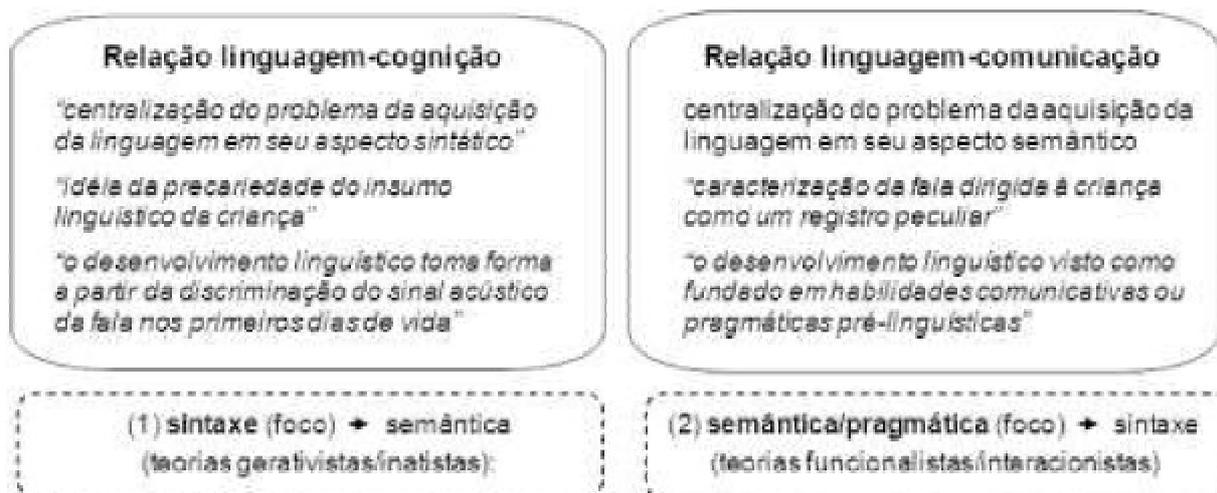


Quadro 1 - Relação *sintaxe-semântica-pragmática* e *pragmática-semântica-sintaxe* na aquisição da linguagem em teorias formalistas e funcionalistas (adaptada de Dik, 1978 *apud* FIGUEROA, 1994)

Nessa mesma linha de reflexão, Correa (1999, p. 348-9) – ao traçar uma retrospectiva dos últimos trinta anos no contexto dos estudos de aquisição da língua(gem) – enfatiza que entre os anos de 1960 a 1970, principalmente devido às influências dos trabalhos de Jean Piaget

sobre o desenvolvimento cognitivo, houve um direcionamento do foco de atenção de estudiosos de várias especialidades para dois tipos distintos de reflexão (relação linguagem-cognição e relação linguagem-comunicação) sobre o processo de aquisição da língua(gem) – cf. **Quadro 2**.





Quadro 2 - Relação *sintaxe-semântica* e *semântica/pragmática-sintaxe* na aquisição da linguagem em teorias gerativistas e funcionalistas (adaptada de CORREA, 1999)

Do ponto de vista da linguística gerativa (relação linguagem-cognição; paradigma formal) – que se desdobra em diferentes contextos de investigação –, o *estado inicial*, concebido pela aquisição da língua(gem), se dá a partir do acesso a “um modelo formal de gramática como modelo da competência linguística de um falante/ouvinte abstrato” (CORREA, 1999, p. 343). Isso ocorre devido a uma forte bagagem de informações gramaticais atribuídas ao programa biológico humano, com “a centralização do problema da aquisição da linguagem em seu aspecto sintático” (*op. cit.*, p. 349). Dessa forma, a sintaxe gera *a priori* o desenvolvimento linguístico e, conseqüentemente, o cognitivo (embora esse seja um módulo da mente que é independente daquele), ou seja, o desenvolvimento linguístico é deslocado dos processos cognitivos e a relação sintaxe-semântica é inexpressiva para a aquisição da linguagem, embora ela aconteça.

As pesquisas voltadas para as relações entre linguagem e comunicação e/ou interação social (paradigma funcional) centralizaram suas preocupações, no que se refere à aquisição da língua(gem), nos “conceitos e relações semânticas expressas na fala da criança, levantando a hipótese de uma

precedência da semântica sobre a sintaxe” (CORREA, 1999, p. 349) – e da qualidade do insumo linguístico envolvido – como *estado inicial* do processo de aquisição. Uma vez que a sintaxe por ela mesma não daria conta de explicar todas as expressões e/ou significações nos contextos da fala. Nessa perceptiva, a interação social (criança-mãe/adulto, principalmente) assume um papel primordial como base para a criança adquirir a linguagem.

De acordo com Borges & Salomão (2003, p. 328), a ênfase na relação criança-adulto, privilegiando as contribuições de um “interlocutor linguisticamente mais habilitado” e apto na percepção das intenções comunicativas dos atos de fala na interação, foi um ponto de partida para a compreensão de que “a habilidade social e comunicativa da criança era mais precoce do que sua habilidade para a linguagem formal”. Assim, a fala materna (especial no trato com os neonatos – um tipo de insumo linguístico importante, porém não universal devido às divergências culturais e de afetividade) entra como destaque para as pesquisas nessa área como precursora importante da aquisição da língua(gem). Dentro dessa perspectiva, Menyuk (1975, p. x) já havia antecipado que a *competência*



dentro dos estudos gerativos é um conhecimento (linguístico) que “é presumivelmente o que o falante nativo usa para derivar o significado de um enunciado, e para expressar o significado conhecido” das sentenças possíveis da língua nativa.

Por outro lado, os inatistas reforçam, entre outras coisas, que é a simplicidade sintática da fala materna (ou de outros membros da família) que facilita a compreensão da língua pela criança – o que não invalida os avanços, conquistas e refutações das pesquisas inatistas no contexto das interações sociais, e isso só mostra que a discussão está longe de ter um fim. No entanto, alguns estudos (PAPERT, 1979/1983; TOULMIN 1979/1983; NAIGLES, 1990; KARMILOFF-SMITH, 1992; MANDLER, 1992; EICHLER & FAGUNDES, 2005) – desenvolvidos durante e após a publicação do debate Chomsky-Piaget (PIATTELLI-PALMARINI, 1979/1983) – sugerem que a teoria inatista não descreve em detalhes como as crianças dão conta do significado da gramática verbalizada por elas, sendo este um ponto melhor estruturado na teoria do desenvolvimento cognitivo piagetiano. Dessa forma, segundo Mandler (1992), a teoria da inteligência sensório-motora de Piaget se constitui, até o momento, na resposta mais amplamente aceita para explicar como as crianças adquirem/constroem os significados conceituais da linguagem, embora essa teoria não consiga descrever como os esquemas sensório-motores são transformados em conceitos.

As influências do pensamento de Piaget se tornam ainda mais fortes – a partir do final da década de 1970 – devido, em parte, ao vazio deixado pelo desgaste da teoria behaviorista. Assim, conforme Correa (1999, p. 352), outra linha de investigação sobre a aquisição da língua(gem) toma forma “com vistas a manter a concepção

de desenvolvimento da Epistemologia Genética de Piaget, ao mesmo tempo que eliminando a ideia de reduzir-se a aquisição da linguagem ao desenvolvimento cognitivo” ou a um *domínio específico* entendido como sendo a cognição. Correa (1999, p. 352) refere-se aos estudos de Karmiloff-Smith (1979, 1995) que entende, assim como a teoria inatista, a “língua como domínio específico”, porém diferente dela ao compreender também a “linguagem como um espaço[ação]-problema para a criança” (desenvolvimento da linguagem na perspectiva de um domínio geral; ponto de vista da teoria piagetiana), em que ela “terá de atuar cognitivamente sobre o material linguístico, organizando-o de diferentes formas ao longo do desenvolvimento, levando em conta, inclusive, as possíveis funções de formas linguísticas no discurso”.

Nessa perspectiva, a aquisição da língua(gem) parte da conscientização da sintaxe pelo falante durante o processo de desenvolvimento cognitivo que é acionado no contato com a semântica da língua através da sintaxe (cf. **Quadro 3**). Aqui, a relação (de um terceiro tipo) *sintaxe-semântica/pragmática* é mais aproximada (do que no gerativismo), gerando uma dependência expressiva entre uma e outra; e a linguagem é vista como um processo cognitivo e evolutivo e como parte dele. Nessa concepção cognitivista/interacionista – que também se divide em distintas concepções – o *estado inicial* que promoveria o processo de aquisição da língua(gem) também parte do acesso à sintaxe (embora isso não seja algo absoluto nessa área de investigação⁴), mas no que ela pode fornecer um “instrumental descritivo para a apresentação de dados do desenvolvimento” (CORREA, 1999, p. 347).

¹ Correa (1999, p. 349), explica que “diante de diferentes perspectivas e abordagens, o estudo da aquisição da linguagem passou a ser dominado pela controvérsia. De um lado, a proposta inatista da Teoria Linguística e, de outro, diferentes posturas em relação ao quanto de especificidade é necessário atribuir à linguagem quando comparada a outros sistemas cognitivos e ao quanto de independência pode ser atribuída ao desenvolvimento linguístico no conjunto do desenvolvimento cognitivo”.





Relação linguagem-cognição-desenvolvimento

"*Idéia da linguagem como um espaço(ação)-problema para a criança*"
 "a criança deve atuar cognitivamente sobre o material linguístico, organizando-o de diferentes formas e considerando as funções do discurso"

(3) **sintaxe** (domínio-específico) → **semântica / pragmática** (domínio-geral)
 (teorias cognitivistas/interacionistas)

Quadro 3 - Relação sintaxe-semântica/pragmática em teorias cognitivistas/interacionistas (adaptada de CORREA, 1999)

Karmiloff-Smith (1995, p.10), por sua vez, enfatiza que a teoria inatista chomskyana não é necessariamente incompatível com a teoria epigênética⁵ construtivista piagetiana, apesar de Chomsky (1988) pontuar que uma postura inatista impede uma construtivista. No entanto, tal reflexão necessita de algumas considerações:

Primeiro, à visão de Piaget deve-se adicionar algumas predisposições inatas, de conhecimento impregnado que dariam ao processo epigenético um avanço em cada domínio. Isto não implica meramente adicionar um pouco mais de estrutura de domínio geral do que Piaget supôs. Mais exatamente, significa adicionar polarizações de domínio específico à fundação inicial. Mas a segunda condição para o casamento do construtivismo e do inatismo é que a base inicial envolve especificações menos detalhadas do que pressupôs alguns inatistas e um processo mais progressivo de modularização (ao contrário dos módulos pré-especificados).

Karmiloff-Smith (1995, p. 7-8), ainda destaca que, apesar da "aberração" que possa parecer para as reflexões sobre a aquisição e desenvolvimento da língua(gem), muitos pesquisadores tem sugerido também a aproximação entre Piaget e Skinner do ponto de vista de que ambos compartilham a visão da "mente 'knowledge-empty' do neonato", bem

como a visão de desenvolvimento da língua(gem) de uma perspectiva de *domínio geral* (e não de *domínio específico* como no inatismo). Nesse sentido, as teorias piagetiana e skinneriana não atribuem ao "infante qualquer estrutura ou domínio específico de conhecimento", mas apenas "alguns domínios gerais", universais e/ou "processos biologicamente especificados".

Com as reflexões expostas neste artigo pode-se perceber que as discussões sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da língua(gem) ainda estão longe de um consenso. Atualmente, como já nos mostra Karmiloff-Smith, os estudos nesta área (e em tantas outras) caminham para a junção das várias concepções epistemológicas e teorias linguísticas e/ou psicológicas destacadas aqui – historicamente tidas como incompatíveis entre si – na compreensão do fenômeno da aquisição e desenvolvimento da língua(gem). Esse *entrelaçamento* de teorias na compreensão dos diferentes fenômenos no mundo é o que se pode compreender contemporaneamente, nas palavras de Morin (2007) e Mariotti (2007), como *paradigma da complexidade, complexidade e/ou pensamento complexo*; e nos estudos da língua(gem), em diferentes vertentes, o pensar complexo é o grande desafio que já se faz presente.

⁵ Epigênese ou Epigenesia s.f. (Do Gr. *epi*, sobre + *genesis*, criação). Teoria da geração dos seres orgânicos por criações sucessivas. In: Grande Enciclopédia Larousse Cultural. Nova Cultura, 1998: 2132.



A COMPILATION OF THE DIFFERENT EPISTEMOLOGICAL CONCEPTIONS OF LANGUAGE ACQUISITION AND DEVELOPMENT

ABSTRACT

This article presents a compilation of discussions in the literature regarding different epistemological conceptions of language acquisition and development – *empiricism*, *rationalism* and *interactionism*. Within each conception, the major linguistic theories and fundamental principles that governs the knowledge of what is understood as the *initial stage* of the acquisition process in the syntax-semantics-pragmatics relation are highlighted. Finally, the contemporary complexity paradigm, which leans towards merging the conceptions emphasized here so as to understand the phenomenon of language acquisition and development, is briefly discussed.

Keywords: language acquisition; empirism; racionalism; interacionism.

Artigo submetido para publicação em: 08/12/2011

Aceito em: 13/11/2012

REFERÊNCIAS

- BORGES, L. C. & SALOMÃO, N. M. R. (2003) *Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social*. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 16(2), p. 327-36.
- CEZARIO, M. M. & VOTRE, S. (2008) *Sociolinguística*. In: MARLELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, p. 141-55.
- CHOMSKY, N. (1997) *Conhecimento da história e construção teórica da linguística moderna*. **D.E.L.T.A.**, vol 13 (especial).
- _____. (1988) **Language and problems of knowledge**. Cambridge: MIT Press.
- CORREA, L. M. S. (1999) *Aquisição da linguagem: uma repectiva dos últimos trinta anos*. **D.E.L.T.A.**, vol. 15, Nº Especial, p. 339-83.
- CUNHA, A. F. *et al.* (2008a) *Linguística*. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, p. 15-29.
- _____. (2008b) *Funcionalismo*. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, p. 157-76.
- DEL RÉ, A. (2006) *A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática*. In: DEL RÉ, A. *et al.* **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, p. 13-44.
- EICHER, M. L. & FAGUNDES, L. (2005) *Atualizando o debate entre Piaget e Chomsky em uma perspectiva neurobiológica*. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18(2), p. 255-66.
- FIGUEROA, E. (1994) **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon.
- GOULART, I. R. (1987) **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. Petrópolis: Vozes.
- HICKMANN, M. (1988) *Psychosocial aspects of language acquisition*. In: FLETCHER, P. & GARMAN, M. (eds). **Language acquisition: studies in first language development**. 2a. ed., Cambridge: Cambridge University Press, p. 9-29.
- KARMILOFF-SMITH, A. (1995) **Beyond modularity: a developmental perspective on cognitive science**. Cambridge, MA: MIT Press.





- _____. (1979) **A functional approach to child language**. Cambridge: Cambridge University Press.
- MANDLER, J. M. (1992) *How to build a baby: II. Conceptual primitives*. **Psychological Review**, 99(4), p. 587-604.
- MARIOTTI, H. *Complexidade e pensamento complexo: breve introdução e desafios atuais*. **Rev. Port. Clin. Geral**, vol. 23, p. 727-731. Disponível em: http://api.ning.com/files/S4Fa15pHbggJI7UgeoRWEK0d3gg4wKHInUumxfdRUbqynIs9YLhpbCRclvy58Gsp6loQ1EuZ1HHZB46KTlIF*4XgBrPE68n0/ComplexidadeMariotti.pdf. Acesso em 05 de dezembro de 2011.
- MARTELOTTA, M. E. (2008a) *Funções da linguagem*. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, p. 31-6.
- _____. (2008b) *Linguística cognitiva*. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, p. 177-92.
- MENYUK, P. (1975) **Aquisição e desenvolvimento da linguagem**. Trad. de Geraldina Porto Witter. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975.
- MORIN, E. (2007) **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. de Eliane Lisboa. 3ª ed., Porto Alegre: Sulina.
- NAIGLES, L. (1990) *Children use syntax to learn verb meanings*. **Journal of Child Language**, 17(2), p. 357-74.
- PAPERT, S. *O papel da inteligência artificial em psicologia*. In: PIATTELLI-PALMARINI, M. (org.) (1979/1983) **Teorias da linguagem. Teorias da aprendizagem: o debate entre Jean Piaget & Noam Chomsky**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix: Ed. da USP.
- SCHIRMER, C. R. *et al.* (2004) *Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem*. **Jornal de Pediatria**. Vol. 80, n. 2 (supl), p. 95-102.
- TOULMIN, S. (1978/1983) *Para uma via entre construtivismo e inatismo*. In: PIATTELLI-PALMARINI, M. (org.) **Teorias da linguagem. Teorias da aprendizagem: o debate entre Jean Piaget & Noam Chomsky**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix: Ed. da USP.